Almozara, Paula Cristina Somenzari (2014) "Paisagem e espaço: elucubrações sobre o sagrado e o sublime." *Revista :Estúdio, Artistas sobre Outras Obras*. ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316. Vol. 5 (10): 42-49.

Paisagem e espaço: elucubrações sobre o sagrado e o sublime

Landscape and space: reflections about the sacred and the sublime

PAULA CRISTINA SOMENZARI ALMOZARA*

Artigo submetido a 07 setembro e aprovado a 23 de setembro de 2014

*Brasil, Artista visual, professora e pesquisadora da Faculdade de Artes Visuais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil. Doutorado em Educação, na Área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, Unicamp. Mestrado em Artes, Unicamp, 1997. Licenciatura e bacharelado em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, Unicamp.

AFILIAÇÃO: Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Rodovia D. Pedro I, km 136, Parque das Universidades, Campinas — SP. CEP: 13086-900, Brasil. E-mail: almozara@gmail.com

Resumo: O artigo realiza uma reflexão sobre as questões do sagrado e sublime a partir de relações metafóricas associadas à paisagem e ao espaço, por meio da paradigmática obra do artista brasileiro Marcelo Moscheta (1976).
Palavras-chave: Paisagem / espaço / sagrado / sublime / Marcelo Moscheta.

Abstract: *The paper develops a reflection about the concept of the sacred and the sublime through metaphorical relationships associated with the landscape and the space from the paradigmatic work of Brazilian artist Marcelo Moscheta (1976).*
Keywords: *Landscape / space / sacred / sublime / Marcelo Moscheta.*

Pensar a paisagem como um "constructo", como afirma Maderuelo (2006: 17), implica em considerar que aquilo que determinamos hoje como questões eminentemente paisagísticas estão ligadas a diversas outras possibilidades culturais, sociais, estéticas e antropológicas e, em épocas mais remotas, a "uma

primitividade da paisagem" que "precede toda uma instituição" e na "qual estamos no quadro de uma experiência muda, 'selvagem'" (Besse, 2006: 80), uma expressão da espiritualidade primitiva associada às relações simbólicas e às imanentes entre homem e natureza (Armstrong, 2005).

Não se pretende, no entanto, imprimir a ideia de paisagem como sinônimo restrito de natureza ou mesmo de espaço, mas determinar a possibilidade de ligações metafóricas que abarcam situações estéticas concentradas *no* e *pelo* constructo "paisagem", tomando para isso o princípio de alteridade e de manifestações do sagrado e do sublime que permeiam nosso inconsciente coletivo e que são revisitados na arte por estratégias e construções poéticas que se valem, não apenas de elementos presentes na natureza, mas que utilizam a ideia de experiências de deslocamentos sígnicas "como um espaço objetivo de existência" (Besse 2006: 21).

Desse modo, as relações entre paisagem/homem, espaço/experiência são mecanismos por meio dos quais há condições de se pensar sobre a emanação do "sagrado", ou manifestação de um elemento supra real, no qual "Deus" torna-se uma ideia abstrata, implícita, e que pretende determinar uma incessante busca de entendimento da condição de vida humana e de suas idiossincrasias vitais.

Dentro dessa discussão, o "sublime", que se caracteriza como um elemento aparentemente anacrônico, está presente de uma forma elementar para ressaltar como certos processos artísticos valem-se do deslocamento e do embate com o espaço/lugar como estratégia de criação, colocando o ser humano diante de uma situação geográfica especial, capaz de provocar sensações de arrebatamento e finitude, suplantando a premissa de um mundo completamente conhecido, dominado, seguro e delimitado.

Quando observa-se a paradigmática obra do artista brasileiro Marcelo Moscheta (1976) tem-se, nos detalhes, uma exata medida das conexões significativas imbricadas entre paisagem e ser, espaço e devir e as estratégias poéticas criadas. Essas que operam por meio de referências nas quais elementos da paisagem natural são constantemente explorados, segundo o próprio artista, como forma de "medir" a si mesmo "em relação à paisagem, na escala das coisas" (Moscheta, 2013: 88)

Moscheta é um viajante incansável, seu trabalho visa ao processo de criação diante da possibilidade de transformar o mundo (ou uma visão de mundo) por meio da reordenação das coisas vistas. Aqui, a ideia do sagrado apoia-se em um processo de sacralização — impelido pela reordenação — na qual objetos aparentemente banais são transmutados em contentores mnemônicos. O artista explora ainda a grandiosidade dos espaços percorridos, evocando a insignificância do ser humano perante a paisagem e o arrebatamento diante do

Revista :Estúdio, Artistas sobre Outras Obras. ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316. Vol. 5 (10): 42-49.





Figura 1 · Marcelo Moscheta. *Contra.Céu, 2010*. Desenho em grafite sobre chapa de PVC, ferro, madeira e aço inoxidável. Formato 330 × 500 × 270 cm, 2010. Capela do Morumbi São Paulo, Brasil. Fonte: http://www.marcelomoscheta.art.br
Figura 2 · Marcelo Moscheta. Detalhes da montagem de *Contra.Céu*, 2010. Capela do Morumbi São Paulo, Brasil. Fonte: http://www.marcelomoscheta.art.br

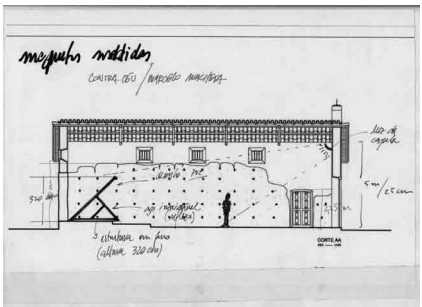
desconhecido como potências expressivas que impelem a uma relação imanente entre espaço e homem.

Trata-se de um esforço de observação subjetiva e empírica do lugar, que determina uma tentativa de pertencimento e que é, em um primeiro momento visualmente marcada, no trabalho do artista, por uma situação de investigação, na qual processos eminentemente científicos, como anotações de coordenadas, recolha de espécimes, inscrições e relatos em cadernos/diários, são convertidos em processos de mediação dialógica — em uma luta silenciosa, interna e articulada — entre emoção e razão. Essa impressão é sustentada pelo modo como Moscheta sutilmente se vale das histórias dos lugares em que ele se encontra e de formas simbólicas associados a elementos como as nuvens, as montanhas, as árvores, as pedras, e que são igualmente formas primitivas conectadas a uma expressão material que aspira ao sagrado.

Suas obras realizadas em residências artísticas e *sites specifics* ressaltam, como afirma o artista (e como é observado de modo geral em sua obra), a "função das ambiguidades da qual somos formados, terra e paraíso, o bem e o mal" em um espaço que estabelece "o diálogo profundo entre o motivo e o *locus*" (Moscheta, 2014).

Pode-se considerar nesse caso a existência de estratégias poéticas que determinam uma situação na qual "o espaço é um híbrido de forma e conteúdo" (Santos, 2012: 24):

> *visto em sua própria existência, como forma-conteúdo, isto é, como uma forma que não tem existência empírica e filosófica se a considerarmos separadamente do conteúdo, e um conteúdo que não poderia existir sem a forma que o abrigou* (Santos, 2012: 24).





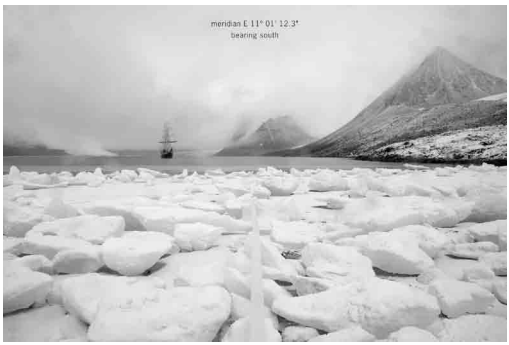


Figura 3 · Marcelo Moscheta. Projeto Contra.Céu, 2010. Capela do Morumbi São Paulo, Brasil. Fonte: http://www.marcelomoscheta.art.br
Figura 4 · Marcelo Moscheta. *NORTE*. Vista geral da exposição realizada no Paço Imperial no Rio de Janeiro em dezembro 2012. Fonte: http://www.marcelomoscheta.art.br
Figura 5 · Marcelo Moscheta. *A LINE IN THE ARCTIC*, 2012. Impressão lambda em metacrilato e isopor® set de 4 images — 50 × 80 cm cada. Fonte: http://www.marcelomoscheta.art.br

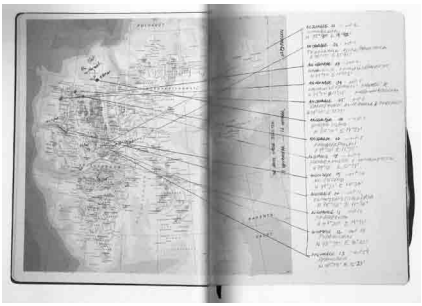


Figura 6 · Marcelo Moscheta. *caderno*, 2012. Residência artística "The Arctic Circle", Polo Norte, *arquipélago de Svalbard*. Fonte: Moscheta, 2013: 22.



Figura 7 · Marcelo Moscheta. Marcelo Moscheta. *caderno*, 2012. Residência artística "The Arctic Circle", Polo Norte, *arquipélago de Svalbard*. Fonte: Moscheta, 2013: 25.

Contra.Céu (Figura 1), *site specific* realizado em 2010 na Capela do Morumbi na cidade de São Paulo (Brasil) revela como esse diálogo "entre o motivo e locus" é entendido pelo artista. Neste trabalho, a predominância de um dos elementos mais caros ao artista, o desenho de nuvens, estabelece a ideia fundamental de representação da transitoriedade e da irrefreável passagem do tempo a qual o ser humano é submetido, revelando por conseguinte sua pequenez diante do que, possivelmente, seria a própria descoberta de sua humanidade no embate com elementos da natureza.

O desenho feito em grafite sobre chapa de PVC, aparentemente frágil e efêmero (Figura 2), concentra em sua materialidade e na forma escolhida, algo essencial, uma epifania — como constantemente ressalta o artista — e provocada, antes de mais nada, pela experiência de proximidade das coisas, pois a composição desvela em sua estrutura (Figura 2, Figura 3) a tensão entre duplos, não apenas conceituais, mas materiais. O desenho colocado na parte superior da estrutura e construído por um laborioso e paciente processo manual converte-se em um reflexo visualizado por meio do metal polido, sólido e perene, colocado em ângulo e, assim, criando um simulacro da imagem original que paira sobre a cabeça do observador. Embora perfeita, a imagem projetada é tão somente um reflexo por si imaterial, intocável, inconspurcável.

Deliberadamente, o artista «oferece» sua obra ao espaço do sagrado e ao da comunhão: o altar principal da antiga capela. Aqui «a paisagem é o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro com o mundo» (Besse, 2006: 80).

Marcelo Moscheta, em sua trajetória, determina, de modo contundente sua vocação como artista-viajante. Seu interesse pelas grandes expedições do pas-

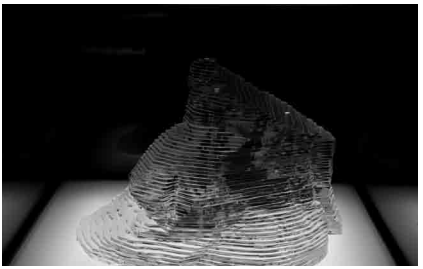


Figura 8 · Marcelo Moscheta. "À Deriva", 2012. Corte e gravação laser em acrílico, ferro, lâmpadas led e componentes elétricos. Dimensões aproximadas 34 × 48 × 136 cm. Fonte: http://www.marcelomoscheta.art.br

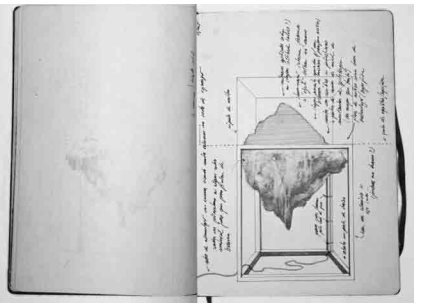


Figura 9 · Marcelo Moscheta. *caderno*, 2012. Residência artística "The Arctic Circle", Polo Norte, *arquipélago de Svalbard*. Fonte: Moscheta (2013: 26).

sado parece convergir para questões vitais sobre os limites possíveis e impossíveis ao ser humano diante do desconhecido. O artista expressa visualmente tais inquietações, que são por si problemas existenciais, no esforço de entender o desejo humano pelo enfrentamento de uma natureza avassaladora, procurando uma aproximação com a ideia de sublime, como força extrema e transcendente diante do incomensurável.

Nesse contexto, Moscheta participa em 2011 do programa anual "The Arctic Circle" e empreende uma viagem ao Arquipélago de Svalbard no Polo Norte. Tal experiência é narrada em um diário de bordo que se transforma depois em livro e em exposição (Figura 4).

> *Troco o conforto do meu ateliê, em Campinas, pela dificuldade de estar longe do que é controlável. Lá, na paisagem, não detenho controle do tempo e do espaço e deixo-me, assim, aberto à experiência do maravilhamento com o entorno, para o encontro com a essência do lugar* (Moscheta, 2013: 9).

Essa situação extrema provocou em sua narrativa de diário de bordo a constante menção as sensações de avassalamento, de ampliação da percepção pelo silêncio profundo, pela transfiguração das cores e dos reflexos causados por uma luminosidade abissal, "o espanto da alma" que "começou com o vento congelante no rosto" (Moscheta, 2013: 9), ali o artista-viajante transformou-se em um "discípulo tardio" dos corajosos desbravadores do passado (Figura 5). Em sua estratégia de construção poética, Moscheta meticulosamente estudou toda a história (Figura 6, Figura 7) do lugar refazendo e percebendo os "métodos exploratórios conectando presente e passado" (Moscheta, 2013: 16).

Revista :Estúdio, Artistas sobre Outras Obras. ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316. Vol. 5 (10): 42-49.

As relações implicadas no uso que o artista faz de referências e até de procedimentos científicos dialoga habilmente com aspectos subjetivos. O artista se debruça sobre o modo como a cultura científica pode ser manipulada, para eliminar uma objetividade racional e ascender ao plano emocional.

Talvez o trabalho mais emblemático apresentado a partir da experiência de viagem ao Circulo Polar Ártico seja o conjunto "À Deriva".

O artista elege um elemento da paisagem para que este seja uma espécie de contentor de memórias, assim, o processo é estabelecido a partir de fotos de icebergs.

Moscheta acaba por determinar um caminho que o leva à elaboração de um conjunto tridimensional, pautado por uma laboriosa modelagem das imagens dos icebergs em esculturas de isopor® (esferovite) que são segmentadas em uma espécie de escaneamento topográfico manual e reconstruídas finalmente em acrílico, luz e ferro (Figura 4, Figura 8).

A escolha dos *icebergs* revela não apenas seu contato com essas formações, mas uma questão importante dentro da poética do artista: a eleição de um elemento que por essência é potencialmente simbólico.

O elemento escolhido revela-se, pois, conectado à ideia de sacralização, ou seja um "objeto" que é retirado de seu contexto ordinário e alçado de modo representativo a uma nova categoria que lhe confere possibilidades de digressões metafóricas, para não dizer míticas.

Assim, o significado do conjunto é um detonador de conceitos em torno da própria constituição formal do iceberg como um elemento dual, composto, por uma «pequena» parte visível na superfície e uma grande parte submersa, desconhecida, invisível.

Na materialidade desses trabalhos, o artista determina, enfim, o vínculo entre o que está na superfície — o que é consciente, o que é tangível — e o que está na profundidade inalcançável, no inconsciente, na imaginação.

A experiência paisagística, nesse caso, é uma experiência que transcende a ordem do racional, na qual «o ser humano pode se apoderar das relações secretas que o unem ao *cosmo*, e sentir sua existência, por assim dizer, justificada" (Besse, 2006: 28)

Considerações finais

As elucubrações sobre o sagrado e o sublime a partir de relações metafóricas ligadas à paisagem e ao espaço na obra do artista Marcelo Moscheta podem muito bem servir-se da máxima, atribuída a Aby Warburg, na qual "Deus está no detalhes" e cuja a vontade é exprimir o inexprimível, uma vez que:

a paisagem significa participação mais que distanciamento, proximidade mais que elevação, opacidade mais que vista panorâmica [...] não há paisagem sem a coexistência do aqui e do além, coexistência do visível e do oculto, que define a abertura s*ensível e situada do mundo* (Besse, 2006: 80).

Referências

Armstrong, Karen (2005). *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras. ISBN: 85-359-0731-9.

Besse, Jean-Marc (2006). *Ver a terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia*. São Paulo: Perspectiva. ISBN: 85-273-0755-3.

Maderuelo, Javier (2006). *El paisaje, génesis de un concepto*. Madrid: Abada Editores. ISBN: 84-96258-56-4.

Moscheta, Marcelo (2011). *Marcelo Moscheta*. São Paulo: BEI. ISBN: 978-85-7850-067-2

Moscheta, Marcelo (2013). *Norte*. Rio de Janeiro: Ímã Editorial. ISBN: 978-85-64528-53-6

Moscheta, Marcelo (2014). *Marcelo Moscheta*. [Consult. 2014/05/07]. Disponível em: http://www.marcelomoscheta.art.br

Santos, Milton (2012). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp. ISBN: 978-85-314-0713-0